

# Cadernos **IHU** *ideias*



ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)  
Ano 16 • n° 279 • vol. 16 • 2018



## O mal-estar na cultura medicamentalizada

Luis David Castiel

INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



 UNISINOS

# O mal-estar na cultura medicamentalizada

## *Malaise in the medicalized culture*

### **Resumo**

Apesar de inegáveis benefícios farmacológicos dos medicamentos, é difícil sustentar uma postura de atenuar e relativizar a atuação poderosa e notadamente abusiva da indústria farmacêutica. Estas são identificadas por estudiosos do campo por visarem a proliferação contínua do consumo de medicamentos através de recursos eticamente discutíveis. Ao mesmo tempo, pode-se afirmar que convivemos com uma “crise dos vínculos de confiança” nas interações médicas no desempenho de suas atividades. O comprometimento da dimensão ética no âmbito da atividade médica também pode encobrir interesses financeiros que participam da mencionada crise dos vínculos, que pode ser desenvolvida a partir do conceito foucaultiano de governamentalidade aplicado ao campo da medicina: a medicamentalidade. Da mesma forma, podemos nos referir a um epidemiopoder que irá configurar práticas medicamentalizadas, se considerarmos as características básicas que definem o objeto das disciplinas do âmbito sanitário – saúde e vida nas populações. Mais: na atualidade, é a normatividade de base epidemiológica que rege os preceitos e recomendações que pretendem disciplinar as populações humanas no interior dos discursos de promoção da saúde centrados no comportamento saudável com vistas à longevidade com a qualidade de vida acessível ao consumidor. No limite, cada um deve ter metas de gestão da vida como fenômeno biológico configuradas por noções de risco propaladas por mensagens médico-epidemiológicas normativas de porta-vozes da fortaleza, prudência, moderação e temperança em nome de estilos de vida regrados.

**Palavras-chave:** Medicamentalidade; Epidemiopoder; Ética

### **Abstract**

Despite the undeniable pharmacological benefits of the drugs, it is difficult to sustain a stance to attenuate and relativize the powerful and notably abusive performance of the pharmaceutical industry. These are identified by field scholars as aiming at the continued proliferation of drug consumption through ethically questionable resources. At the same time, it can be said that we live with a “crisis of the bonds of trust” in the medical interactions in the performance of their activities. The commitment of the ethical dimension in the scope of medical activity can also cover financial interests that participate in the aforementioned relationship crisis, which can be developed from the Foucauldian concept of governmentality applied to the field of medicine: medicality. In the same way, we can refer to an “epidemiology power” that will configure medicalized practices, if we consider the basic characteristics that define the subject of the disciplines of the sanitary scope - health and life in the populations. More: at present, it is normativity based on epidemiology that governs the precepts and recommendations that intend to discipline human populations within the discourses of health promotion centered on healthy behavior with a view to longevity with quality of life accessible to the consumer. At the limit, each one should have life-management goals as a biological phenomenon shaped by the notions of risk propounded by normative medical-epidemiological messages from strong, prudent, moderation and temperance spokesmen in the name of regulated lifestyles.

**Keywords:** Medicality; Epidemiopower; ethic.

Cadernos  
**IHU *ideias***

**O mal-estar na cultura  
medicamentalizada**

Luis David Castiel

Professor do Programa de Pós-graduação em Saúde Pública e do Programa  
de Pós-graduação de Epidemiologia em Saúde Pública -  
Fundação Oswaldo Cruz, FIOCRUZ

**ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)**  
**ano 16 • nº 279 • vol. 16 • 2018**

 **UNISINOS**

**INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS** 

**Cadernos IHU ideias** é uma publicação quinzenal impressa e digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

## UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

**Reitor:** Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

**Vice-reitor:** Pedro Gilberto Gomes, SJ

### Instituto Humanitas Unisinos

**Diretor:** Inácio Neutzling, SJ

**Gerente administrativo:** Jacinto Schneider

ihu.unisinos.br

### Cadernos IHU ideias

Ano XVI – Nº 279 – V. 16 – 2018

ISSN 1679-0316 (impresso)

ISSN 2448-0304 (online)

**Editor:** Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

**Conselho editorial:** MS Rafael Francisco Hiller; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Prof. MS Gilberto Antônio Faggion; Prof. Dr. Lucas Henrique da Luz; MS Marcia Rosane Junges; Profa. Dra. Marilene Maia; Profa. Dra. Susana Rocca.

**Conselho científico:** Profa. Dra. Angelica Massuquetti, Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade; Prof. Dr. Carlos Alfredo Gadea Castro, Unisinos, doutor em Sociologia Política; Prof. Dr. Celso Cândido de Azambuja, Unisinos, doutor em Psicologia; Prof. Dr. César Sanson, UFRN, doutor em Sociologia; Prof. Dr. Gentil Corazza, UFRGS, doutor em Economia; Prof. Dr. Matheus de Mesquita Silveira, UCS, doutor em Filosofia; Profa. Dra. Suzana Kilpp, Unisinos, doutora em Comunicação.

**Responsável técnico:** MS Rafael Francisco Hiller

**Imagem da capa:** drugs-2907982\_1920(pixabay)

**Revisão:** Carla Bigliardi

**Editoração:** Gustavo Guedes Weber

**Impressão:** Impressos Portão

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2003) - . – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .

v.

Quinzenal (durante o ano letivo).

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.

Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 11, n. 204 (2013).

ISSN 1679-0316

1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 316

1

32

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

ISSN 1679-0316 (impresso)

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos IHU ideias:

Programa Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos  
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo RS Brasil  
Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467  
Email: humanitas@unisinos.br

## O MAL-ESTAR NA CULTURA MEDICAMENTALIZADA

*Luis David Castiel*

Professor do Programa de Pós-graduação em Saúde Pública  
e do Programa de Pós-graduação de Epidemiologia em Saúde Pública -  
Fundação Oswaldo Cruz, FIOCRUZ

### **Introdução: o polvo e a dimensão tentacular da medicalização**

O filme estadunidense *Love and other drugs* (O Amor e outras drogas), de 2010, foi dirigido por Edward Zwick, com roteiro de Zwick, Charles Randolph e Marshall Herskovitz. É protagonizado por Jake Gyllenhaal e Anne Hathaway (IMDB, 2015). Baseia-se em um livro autobiográfico de Jamie Reidy (2005), um ex-representante da empresa farmacêutica *Pfizer*, chamado *Hard sell: the Evolution of a Viagra Salesman*. ('hard sell' pode ser traduzido como 'estratégia agressiva de venda').

O filme desenvolve um drama romântico que não nos interessa aqui. No início, o personagem principal, Jamie Randall, recém desempregado, vai a um evento da megaempresa farmacêutica *Pfizer*, com música (Maccarena) e dança para treinar novos funcionários. Aí uma atraente gestora de recursos humanos apresenta o tipo de trabalho a ser feito. Ao mesmo tempo, se superpõem cenas nas quais Jamie sozinho tenta ensaiar um contato com um médico imaginário, tentando falar de um produto no decorrer do tempo que dura a queima de um palito de fósforo, quase se queimando em razão disso.

Apresentador: – Vamos dar as boas-vindas aos nossos novos funcionários (*trainees*) de 1997.

Gestora (mostrando um comprimido entre os dedos): – Isto não é uma pílula. São milhares de dólares em pesquisa e centenas de horas de trabalho duro. Isso, senhores e senhoras, é um software. Seu treinamento durará seis semanas. Cada um de vocês sairá daqui como um profissional de saúde plenamente qualificado.

Jamie (falando rápido, segurando afobadamente o palito de fósforo aceso): – São menos 32% de chamadas, menos 32% de gente aborrecida...

Gestora: – Sua missão será lutar contra as doenças. Os usos e benefícios fora da prescrição (*off label*) ainda não foram reconhecidos pela FDA (*Food and Drug Administration* – agência estadunidense de vigilância sanitária de drogas e alimentos). Mas vocês podem aumentar as suas vendas apenas indicando usos fora da prescrição.

(...)

Gestora (em sala de aula): – Zoloft, uma droga recém aprovada para tratamento de depressão. Outras prescrições fora da bula: tratamento de alcoolismo, bulimia, TPM, tabagismo, ansiedade social... Alguma pergunta?

Jamie: – Zoloft tem sido associado a suicídio de adolescentes.

Gestora: – Não comprovado.

Jamie: – Comprovado, mas não relatado.

Gestora: – Sua missão será a de compartilhar essa tecnologia. Sua missão será a de salvar vidas. Hoje a indústria da saúde rende dois trilhões por ano. As 10 maiores empresas ganham mais do que todas as outras quatrocentas empresas combinadas.

(...)

Gestora: – Por um mundo melhor. É por isso que estamos aqui. Bem-vindos à Pfizer!

(...)

Jamie ouvindo um representante mais experiente: – Atenção, não iremos de porta em porta vender biscoitos para as escoteiras. Você não é uma vendedora de produtos da Avon. Entendeu? Essas vendas são difíceis e você tem uma cota. E eles ficam de olho na cota. E ela será deduzida de ligações, quilometragem, recibos (...). *Voilà!* Lembre-se: hospitais têm regras contra representantes. Mas isso não significa que não podemos receber bem os médicos, nas portas de seus carros. Certo? Lá está. Certo? Não há tempo para depressão. Concentre-se e lembre-se: Pfizer torna a vida melhor! Pfizer torna os pacientes mais felizes, pra ganhar mais dinheiro. Espere! A caneta! A caneta! Sempre vá com uma caneta. Brindes estabelecem reciprocidade.

A revista *Piauí* de setembro de 2015 apresenta como matéria de capa a reportagem “O lobby dos remédios”, intitulada “Intoxicado de ofertas”. Um médico pesquisador participa de um Congresso de Psiquiatria com o firme propósito de se oferecer como ‘prescritor’ aos desígnios do *bric-a-brac* do marketing da indústria farmacêutica de psicofármacos. E faz fila para receber lanches, ganha brindes de qualidade, serventia e gosto duvidosos, joga videogames – num deles sua missão é salvar uma jovem da depressão munido de um antidepressivo virtual. Ao final da jornada, sai com seis sacolas com quase nove quilos de bugigangas e ainda conclui que, de certa forma, esta promiscuidade pode ser tratada alegori-

camente com uma dose de benevolência, como um polvo, do qual os braços “somos todos nós”, assim como o alimento. Mas de quem é a cabeça do polvo?

Ora, apesar de inegáveis benefícios farmacológicos dos medicamentos, é difícil sustentar uma postura de atenuar e relativizar a atuação poderosa e notadamente abusiva da indústria farmacêutica – no contexto do neoliberalismo sustentável em suas estratégias mercadológicas. Estas são identificadas por estudiosos do campo por visarem à proliferação contínua do consumo de medicamentos através de recursos eticamente discutíveis (Elliott, 2010), algo como o lado escuro da força da Big Pharma. Por exemplo: a minimização/omissão de efeitos farmacológicos adversos; a aquisição do uso de nomes de pesquisadores (com anuência destes) como autores de artigos favoráveis ao uso seguro da droga escritos por *ghostwriters* da própria indústria; a realização de dispendiosos ensaios clínicos com resultados que legitimam a inclusão de resultados favoráveis enviesando metanálises ao evitar a publicação de resultados desfavoráveis; o reforço à utilização abusiva de órteses e próteses, práticas de oferecer viagens, refeições, financiamento para eventos, brindes vários entre outros agrados e lembranças que seduzem médicos, farmacêuticos e inclusive bioeticistas.

Inclusive, está documentado que pesquisadores da indústria farmacêutica elaboram uma nova droga e, conforme seu espectro de efeitos farmacológicos, profissionais do marketing da empresa devem vinculá-la ao tratamento de determinadas afecções e promover seu uso junto aos médicos como o tratamento ‘mais indicado’. Isto pode até implicar em encontrar uma doença incomum cujas respectivas fronteiras possam se expandidas para incluir mais pacientes ou redefinir aspectos desagradáveis da vida cotidiana como patologia médica (por exemplo: a distímia, que tem o mau humor como sintoma). Este fenômeno costuma fazer parte destacada do que pode também ser designado por ‘medicalização’. Elliott (2010) enfatiza que a medicina já foi encarada como uma profissão, não como um negócio. Hoje os empreendimentos médicos são enormes e é duro admitir que o código de confiança implícito entre médicos, pacientes, pesquisadores e sujeitos de pesquisa não está mais assegurado.

Uma forma incisiva de tratar o comprometimento da dimensão ética da medicamentalidade é encará-la sob o prisma da ‘corrupção institucionalizada’ como o fazem Light, Lexchin e Darrow (2013). Este enfoque pretende abarcar as dimensões sistêmicas e as práticas informais que distorcem a missão social de uma instituição. Por meio de uma grande amplitude de estudos e ações legais nos Estados Unidos da América é possível divisar as estratégias através das quais as empresas farmacêu-

ticas escondem, omitem ou deformam os conhecimentos sobre novos fármacos, distorcem a literatura médica e deturpam os produtos para os médicos que prescrevem medicamentos. Desta forma, ocorre uma miríade de reações adversas em pacientes.

Os autores referidos exploram os achados que subjazem nas epidemias de danos e na precariedade dos benefícios e propõem três níveis de análise: a) mediante práticas de *lobby* e de contribuições políticas em altas proporções, a Big Pharma influencia o Congresso Americano a passar pautas legislativas que comprometeram a atuação da FDA; b) em função das pressões da indústria farmacêutica, o congresso americano restringiu o orçamento da FDA e, assim, comprometeu a sua capacidade de atuação regulamentadora há mais de um século em termos de proteção pública diante de severas reações adversas a drogas que apresentam poucas vantagens terapêuticas. E, principalmente, a indústria participou ativamente da mercantilização dos médicos, que por sua vez aceitaram ter seus lugares solapados como prestadores de cuidados independentes e confiáveis.

Além disso, importa considerar, ainda que sinteticamente, o que Schraiber (2008) chama de “crise dos vínculos de confiança” nas interações médicas no desempenho de suas atividades:

**a)** Rompimentos das interações em distintos níveis – entre o médico e o paciente, entre os médicos e outros profissionais de saúde e entre o médico e seu saber. Neste caso, sucederia o apagamento da habilidade e disposição ética para refletir sobre sua própria ação na aplicação do saber científico-tecnológico diante de cada caso, conforme seu contexto.

**b)** Crise dos vínculos de confiança entre médicos, pacientes e outros profissionais e, também, a perda da confiança em si mesmo como médico. Isto ensejaria uma dificuldade em se reconhecer criticamente, julgar e tomar decisões clínicas. Algo que até então se configurava, em grande parte, na dimensão pragmática de sua intervenção.

**c)** Com a perda de tal dimensão, ocorre uma busca intensa da redução das incertezas da decisão clínica, mediante uma noção de segurança que as supostas evidências dariam com base nos conhecimentos produzidos sob esta égide. Assim, ocorreria uma entronização dos meios tecnológicos com os fins em si mesmos.

Vianna Sobrinho (2013: 88-89) descreve a realidade do que pode ser feito na atividade médica encobrendo os interesses financeiros que também participam da crise dos vínculos: “...*testar um novo método, ou mesmo uma nova prática; se precisa treinar o seu aluno ou assistente, ele o faz mesmo que o faça escondido; se recebe incentivos pelos procedimentos que solicita; se receita um medicamento que custa mais de cinco vezes do que um similar, ganhando ‘crédito’ na indústria farmacêutica; se já*

*cumpriu a sua jornada, já terminou o seu plantão, já cumpriu a sua tarefa, já esperou os 15 minutos de atraso, já fez o que o plano paga, já foi até onde sua especialidade abrange... se já preencheu corretamente o prontuário, se já explicou ao outro familiar, ele já fez o que 'devia' fazer; se o médico nega a autorização para um procedimento, mesmo sem ver o paciente, porque lhe ordenaram que diminua os custos, ele assim o faz dizendo ser no intuito de 'oferecer o melhor da medicina' – neste intuito, 'muitas atitudes que precedem ou estão além do erro médico são praticadas o tempo todo, todos os dias'.*

A tecnomedicina atual tem deixado a desejar com suas estratégias prescritivas de marketing da Big Pharma (eventualmente enfatizando aspectos preemptivos) que se aliam a certas práticas de outros campos vinculados à saúde, tais como: nutrição (o alimento saudável como uma forma de medicamento), odontologia (com sua ênfase em termos de produtos e intervenções estéticas), fisioterápicas (dependendo da proposta clínica, se subsidiária ou não de prescrições médicas configuradas em termos neoliberais), em certas vertentes da psicologia e das neurociências (para estimular a ideia cognitiva de autocontrole na evitação de comportamentos de risco e de seus vínculos terapêuticos) e educação física (a atividade física como prática corporal compulsória preventiva de riscos extensiva a todas as pessoas, independente do estabelecimento específico dos riscos individuais).

## 1. Foucault e a busca da saudabilidade do rebanho

Tampouco parece apropriado designar como *healthicization* ou algum outro termo traduzido para o português em relação às práticas hiperpreventivas referentes aos chamados comportamentos de estilo de vida saudável. É preferível usar-se um neologismo como *saudabilidade* para designar esta busca quase insana pela saúde, até como tentativa de equivalência ao também sonoro termo inglês *healthiness*). Tais práticas são construídas a partir de conhecimentos biomédico-epidemiológicos – medicalizadoras, portanto. Quiçá, talvez ficassem melhor subsumidas sob a expressão *medicamentalidade*, evidentemente inspirada na consagrada ideia de *governamentalidade*, que, nas próprias palavras de Foucault (ainda que seja longa a citação) se refere a três diferentes dimensões: “1. O conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permite exercer esta forma bastante específica e complexa de poder, que tem por alvo a população, por forma principal de saber a economia política e por instrumentos técnicos essenciais dos dispositivos de segurança. 2. A tendência que em todo o Ocidente

*conduziu incessantemente, durante muito tempo, à preeminência deste tipo de poder, que se pode chamar de governo, sobre todos os outros – soberania, disciplina etc. – e levou ao desenvolvimento de uma série de aparelhos específicos de governo e de um conjunto de saberes. 3. O resultado do processo através do qual o Estado de justiça da Idade Média, que se tornou nos séculos XV e XVI Estado administrativo, foi pouco a pouco governamentalizado”. (1992, p. 291-292).*

Em outra obra, o pensador francês vai designar governamentalidade como “o encontro entre as técnicas de dominação exercidas sobre os outros e as técnicas de si”. (Foucault, 2001, p. 1.604). Por meio desta expressão, Foucault denomina as ações que, ainda que apregoem a suposta especificidade de cada **pessoa** em termos de **tempo** e **lugar** (algo explicitamente alegado pela epidemiologia ao conceber a categorização das variáveis de seus estudos), a meta é a promoção da saúde cada vez mais hiperpreventiva nos tempos atuais – e, por extensão, de governo da vida dos indivíduos que irão ser tratados em termos populacionais.

Assim, a confecção da ideia de biopoder, a partir da segunda metade do século XVIII, correspondeu à concepção da ideia de população muito afeita à epidemiologia: um conjunto de indivíduos que são configurados como entidades passíveis de descrição mediante mensurações quantificáveis em suas relações com seu meio e, portanto, governamentalizáveis/medicamentalizáveis/controláveis em nome de sua saúde e/ou segurança.

A ideia de população se sintoniza à metáfora do rebanho. Esta aproximação reflete que a ideia de governamentalidade possui grande afinidade com as estratégias empregadas na organização, disposição e controle dos indivíduos mediante a noção de tecnologia individualizante de poder designada como ‘poder pastoral’.

Esta abordagem foi desenvolvida de modo anexo à arte do governo inspirada pelos modos como se cogitavam as relações de poder nas sociedades antigas do Egito, Assíria e Judeia. A analogia do rebanho conduzido pelos pastores era concebida como uma maneira de retratar as relações de poder entre aqueles que governam e os que são governados. É notório como a relação entre ‘pastor’ e ‘rebanho’ vai crescer no âmbito do Cristianismo. Uma vez que já existia entre os hebreus, irá configurar, assim, seu valor ético no contexto da civilização judaico-cristã.

Não à toa, pode-se cogitar que a relação medicamentalizada da figura pastoral com seu rebanho se estilizou com o exercício mediatizado de biopoder dos pregadores da promoção hiperpreventiva à saúde diante dos ‘ovinos’ que constituem a audiência das muitas tecnologias de informação e comunicação que procuram responsabilizar aqueles que não se

autocontrolam diante de certos ‘estilos de risco’ que não primam por virtudes cardeais como a prudência, temperança, fortaleza. (Castiel et al, 2011).

Mas o biopoder deve ser encarado mais como uma perspectiva que um conceito, no sentido de se constituir como um espectro de iniciativas mais ou menos racionalizadas desenvolvidas por autoridades no sentido de intervir no âmbito da vitalidade humana – seu nascimento, desenvolvimento, adoecimento e morte.

Na busca de clarificação do conceito para efeitos analíticos, Rabinow e Rose (2006) postulam os três elementos que são reunidos no conceito de biopoder: o conhecimento dos processos vitais, as relações de poder que tomam como objeto os seres humanos e os modos de subjetivação por meio dos quais os sujeitos operam sobre si mesmos enquanto seres vivos.

O próprio Foucault (2008) utiliza o termo na última de suas conferências no Curso no Collège de France, 1975-76, intitulado ‘A sociedade precisa ser defendida’. Para definir os aspectos que está enfocando, explicita-os como sendo relativos a questões referentes a taxas de nascimento e os primórdios das respectivas políticas de intervenção; questões de morbidade, não tanto epidêmicas, mas os agravos à saúde usualmente prevalentes nas populações e que demandam intervenções em termos de saúde pública e assistência médica; problemas ligados aos idosos e acidentes passíveis de abordagens securitárias, problemas ligados à raça e os correspondentes efeitos, especialmente urbanos, das condições geográficas, climáticas e ambientais. (Foucault, 2008).

Da mesma forma, podemos nos referir a um epidemiopoder que irá configurar práticas medicamentalizadas, se considerarmos as características básicas que definem o objeto das disciplinas do âmbito sanitário – saúde e vida nas populações. Mais: na atualidade, é a normatividade de base epidemiológica que rege os preceitos e recomendações que pretendem disciplinar as populações humanas no interior dos discursos de promoção da saúde centrados no comportamento saudável.

O epidemiopoder ocupa um lugar hegemônico no confronto das definições que se autorizam para estabelecer as decisões quanto ao rumo ‘correto’ das políticas, dos arcabouços administrativos, legais e institucionais e das ações, baseados nos padrões ditados pela expertise técnica vigente. Mais ainda, o epidemiopoder participa ativamente na geração de uma cultura científica que configura nosso pensamento e a ideia que a sociedade moderna tem a seu respeito com base em distribuições de normalidade sustentadas pela curva normal gaussiana. (Beck, 2008).

E, também pelas propriedades isotrópicas dos pontos das retas de regressão que representam pessoas e coisas no interior das coordenadas

cartesianas. Aqui, há a configuração de um espaço homogeneizado composto por pontos aparentemente equivalentes em sua indiferenciação entre si, com exceção do lugar que ocupam em relação aos eixos das ordenadas e abcissas. (Lizcano, 2009).

Em outras palavras, o epidemiopoder consistiria em idiomas/vocabulários e aspectos morais sustentados pelos conhecimentos produzidos pela epidemiologia como um dispositivo de técnicas e práticas de investigação cujos resultados ‘revelam’ as condições de saúde (riscos e agravos) de grupos humanos. Isto se dá mediante procedimentos e estratégias estatísticas logicamente integradas em termos de variáveis de tempo, local e dimensões biológicas, ecológicas, psicológicas, sociológicas, demográficas, econômicas, entre outras. Pretende constituir processos cognoscíveis biopoliticamente corretos com suas leis e variações com vistas a instituir racionalidades, tecnologias e programas de intervenção no âmbito da medicamentalidade de base epidemiológica.

Como diz o literato e epistemólogo lusitano Gonçalo M. Tavares (2010) ao contar as peripécias de um médico-cirurgião cínico que justamente se torna um político no livro curiosamente intitulado “Aprender a rezar na era da técnica”: *“a estatística era uma forma exata na qual se manifestava a indiferença”* (p. 32). Ao se referir à percepção de assombro de seu personagem diante evolução de doenças em seu ‘itinerário médico’: *“(...) o fato de haver percebido rapidamente que cada doença fundava uma ciência singular, sua metodologia própria, seus instrumentos específicos – seu tempo, não confundível, de crescimento e de maturação e seus resultados, que geram sempre algo assombroso, novo”*. (Tavares, 2013, p. 42).

## **2. A medicamentalidade e a hiperprevenção securitária dos riscos**

A pretendida garantia de segurança proporcionada pela perspectiva de expertise técnica vinculada ao epidemiopoder ancorada nas noções probabilísticas de risco se fragiliza, pois se vê obrigada a se afastar da lógica da segurança ao assumir a possibilidade imprevisível de ocorrências desastrosas no horizonte, sem possibilidade de cálculos de risco, sem a capacidade de assegurar incondicionalmente a segurança almejada. Não é possível antecipar o que não pode ser antecipado. Assim, tais indivíduos se veem compelidos a seguirem instruções para adotarem comportamentos saudáveis virtuosos e a consumirem produtos e expedientes hiperpreventivos como fórmula para a desejada saudabilidade com vitalidade longaeva.

Em outras palavras, a promoção da saúde que possui inegáveis elementos da governamentalidade biomédica, naturaliza as precariedades e

produz um deslocamento para riscos preveníveis e patologias tratáveis. Estes diagnósticos securitários de riscos deveriam ser assumidos por aqueles que eventualmente venham a portá-los, gerando, conforme os casos, formas de tratamento hiperpreventivo preemptivo com vistas à manutenção saudabilista da longevidade – para aqueles que possam arcar com os respectivos custos da correspondente *securização*.

Assim, não parece despropositada, ainda que, talvez, pretenciosa, a substituição do termo governamentalidade quando referido à biomedicina por *medicamentalidade* para nos referirmos às técnicas das respectivas disciplinas biomédicas e extrabiomédicas que seguem seu modelo assistencial, assim como a transposição de práticas hiperpreventivas de autocuidado (de si) como responsabilidade de cada indivíduo consigo mesmo. No limite, cada um deve ter metas de gestão da vida como fenômeno biológico configuradas por noções de risco propaladas por mensagens médico-epidemiológicas normativas de porta-vozes da prudência, moderação e temperança em nome da vida saudavelmente regrada. Ou, ainda, determinadas por meios diagnósticos médico-laboratoriais (que, por exemplo, levam ao tratamento medicamentoso com estatinas em função de alterações dislipidêmicas já vistas como pré-patologia e também diante das alterações de valores numéricos definidores de estados sob risco, como a pré-hipertensão, a pré-diabetes e a osteoporose) e tratamentos dependentes de acesso a produtos protéticos, farmacêuticos e biotecnológicos/genômicos.

Aliás, queremos crer que o termo *medicamentalidade*, subsumindo, implicitamente, a dimensão diagnóstica dentro de uma perspectiva de gestão securitária das populações baseada na racionalidade dos riscos poderia explicar melhor o panorama dominante em geral das práticas preemptivas medicamente definidas. Algo como a mentalidade médica que se torna abusiva ao propor tratamentos medicamentosos ampliados para além dos medicamentos usuais ao incluir, por exemplo, alimentação e atividade física como remédios. E, ainda, haveria o *plusvalor* da vantagem de abordar outras práticas extramédicas de saúde que mimetizam a perspectiva preventiva, diagnóstica, terapêutica, reabilitadora e prognóstica do saber biomédico.

Ao mesmo tempo, evitaria os supostos problemas da “imprecisão conceitual” da medicalização e retomaria seu teor crítico ao se dedicar a mostrar os cinismos que se manifestam nas estratégias abrangentes de sanitização *medicamentalizadora* das práticas normativas e disciplinares, tanto no nível das medidas públicas do Estado, das estratégias privadas de assistência à Saúde mediadas por interesses corporativos eticamente discutíveis, no controle e produção de dados médico-epidemiológicos

e a indistinção quanto aos limites da incidência da medicina e suas práticas de controle e autoritarismo diante de sua produção de saberes sobre a subjetividade humana e, também, pela transformação de condições encaradas como desvios fora do padrão normal em patologias.

Ademais, no caso da medicina, mas não apenas, há preocupações crescentes com os efeitos adversos dos sobrediagnósticos e sobretratamentos em pacientes que são considerados casos brandos ou moderados. Alguns chamam, com boas intenções de proteger os pacientes dos riscos de iatrogenia, de ‘prevenção quaternária’. Esta noção foi concebida pelo belga M. Jamouille (1986), médico de família que assim a definiu: “*ação tomada para identificar o paciente sob risco de sobremedicalização para protegê-lo de nova invasão médica e sugerir intervenções que sejam eticamente aceitáveis*” (ênfase nossa). Aliás, neste ponto, será que se torna retoricamente sintomático o uso do termo ‘sobremedicalização’ para se permanecer na crítica à medicalização negativa, vinculada aos referidos abusos do chamado complexo-médico-industrial?

Além disso, a expressão *prevenção quaternária* pode apresentar também aspectos discutíveis, apesar de seus méritos na crítica aos abusos “sobremedicalizadores” potencialmente iatrogênicos na promoção da saúde, prevenção e detecção precoce de doenças. Dá a impressão de ter se aninhado quase como um corpo um tanto estranho aos “níveis de prevenção” de Leavell & Clark (1978) dos anos 1960 e da “história natural da doença”, ainda validando categorias criticadas desde os anos 1970 pelo seu funcionalismo descontextualizado, reatualizando uma discussão antiga, supostamente anacrônica por não tratar da “determinação social da doença” e sem introduzir nenhum enfoque biopolítico à questão.

H. G. Welch e coautores (2011) indicam vários elementos que intervêm nestes referidos casos de iatrogenia e em intervenções desnecessárias capazes de provocar elevação de condições ansiosas e sofrimento aos pacientes. As alterações nos valores das medidas de pressão arterial, dislipidemias, glicemia, osteoporose, exames detalhados de imagem passíveis de dificuldades de interpretação são potencialmente capazes de conduzir a mais exames, monitoramento excessivo destituído de efetividade resolutiva em diversos tipos de neoplasias e de problemas de gravidez. Conforme Welch, a gênese destes casos é atribuível tanto aos médicos e aos pacientes que confiam na capacidade de diagnósticos preemptivos de riscos à saúde, como se deve à atuação dos interesses lucrativos do aparato médico-industrial e sua ênfase intervencionista em nome da detecção e terapêutica precoce.

### 3. Arremate: O esquadrão hiperpreventivo

Enfim, de forma bastante esquemática e alegórica, será cabível imaginar que seremos cada vez mais dirigidos pela produção de subjetividades constituídas por um peculiar grupo de protótipos em função da hiperprevenção terapeuticalizadora e de suas variantes, todos chefiados, claro, pelo *homo oeconomicus* do utilitarismo que estabelece as receitas corretas de busca autônoma da felicidade. Então teremos vários componentes de um esquadrão imaginário hiperpreventivo:

- na securização – *homo securitarius* (aqueles que buscam segurança, eliminação dos perigos e dos riscos à saúde e à integridade);
- na prevenção – *homo praeventus* (etimologicamente: ação de prevenir advertindo);
- na evidência – *homo evidens* (que tem acesso à ciência big data que vai produzir as melhores verdades evidencialistas);
- na preempção – *homo praeemptivus* (diante da suspeita de ameaças, ‘re’agir cortando o mal antes de ele ter raiz ou, mesmo, existir);
- no autocuidado (de si...) – *homo autós cogitatum* (aquele que pensa/que se cuida – com aplicativos etc.).

Mas, do outro lado, fica o *homo residuum*, potencial ameaça à ordem estabelecida, controlados pelos gestores da inquietude e vivendo em condições precárias, isto quando não são criminalizados e submetidos aos regimes do estado social penal punitivo do capitalismo atual, especialmente excluídos da cena e aglomerados em cárceres completamente deficientes em termos humanos (Arantes, 2014).

Há, ainda, o *homo a-typicus*, que pode ocupar o lugar de *outlier* – estranho, forasteiro. Para a estatística, esse termo é usado para designar “o ponto fora da curva” (ou a curva fora do ponto). Os achados que se colocam com distância indevida dos demais demonstram inconsistências das pesquisas, porque ao serem aberrantes, discordantes, trazem inquietude à gestão da análise de dados aos estatísticos.

Antes de decidir o que deverá ser feito aos *outliers*, cabe estudá-los para saber as possíveis razões que levam a seu surgimento. Em muitos casos, as razões da sua existência determinam as formas como devem ser tratados (é curiosa a possível conotação terapêutica usada nestas situações). Em geral, *a priori* são encarados como erros internos do dispositivo analítico de mensuração, de execução da investigação, ou assumindo que se trata da manifestação inesperada da heterogeneidade própria aos elementos da população que não foi considerada no desenho do estudo. Mas esta heterogeneidade está todo o tempo latente e nem sempre os expedientes amostrais ou a perspectiva reducionista conseguem evitá-los.

Os casos clínicos atípicos na clínica médica são também fonte de inquietude para os médicos, assim como para os pacientes que buscam tratamento em meio às tensões presentes nas relações ‘médicos...-...pacientes’ que, na realidade, se inclinam fortemente a serem relações precarizadas entre ‘prestadores de serviços de saúde-consumidores’ sob os ditames do mercado e do gerencialismo utilitarista, mediante padronizações ensejadas por protocolos e guidelines e pelas interferências dos integrantes das reticências que cercam o hífen antes mencionado.

É difícil para muitos clientes arcarem com os preços elevados da suposta qualidade resolutive de serviços particulares onerados por elevados custos dos insumos da tecnomedicina e os riscos de danos devidos a sobrediagnósticos e sobretratamentos. Ou, ainda, se estiver ao alcance, se converterem em consumidores das tecnopanaceias preventivas que elegem o automonitoramento como salvação.

A todos estes que se colocam (ou são colocados) como pontos fora da curva (*outliers*) cabe ocupar o papel de ser ‘*outlier*’ – se permitem o jogo de palavras no idioma inglês. *Outlier* como aquele, de fora, que “mente” por não acompanhar a ideia de ‘verdade’ contida nos enunciados das ‘verdades experimentais’ – de dentro da retórica evidencialista constituinte das práticas médicas baseadas numa concepção de cuidado que tende a lidar com clientes-consumidores e descuidar, alienando-se – em diferentes graus e formas – dos pacientes como pessoas singulares.

## Referências bibliográficas

- AMARAL, O. Intoxicado de ofertas. *Revista Piauí* 108: 20-28, 2015.
- BECK, U. *La sociedad del riesgo mundial. En busca de la seguridad perdida*. Buenos Aires: Paidós, 2008.
- CASTIEL, LD, SANZ-VALERO, J. VASCONCELOS-SILVA, PR. *Das loucuras da razão ao sexo dos anjos. Biopolítica, hiperprevenção, produtividade científica*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2011.
- ELLIOTT, C. *White coat, black hat. Adventures on the dark side of medicine*. Boston: Beacon Press, 2010.
- FOUCAULT, M. A governamentalidade. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1992. p. 291-292.
- FOUCAULT, M. Les techniques de soi. In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*. Paris: Quarto/Gallimard, 2001. pp. 1602-1632.
- FOUCAULT, M. *Segurança, território, população. Curso no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- INTERNET MOVIE DATABASE. LOVE AND OTHER DRUGS. Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0758752/>. Acesso em: 29 out. 2015.
- JAMOULLE, M. Quaternary prevention: prevention as you never heard before (definitions for the four prevention fields as quoted in the WONCA international dictionary for general/family practice). Disponível em: <http://www.ulb.ac.be/esp/mfsp/quat-en.html>. Acesso em: 01 jan. 2015.
- LEAVELL H.R.; CLARK, E.G. *Medicina Preventiva*. São Paulo: Mcgraw-Hill do Brasil - Rio de Janeiro: Fename, 1978.
- LIGHT, D.W.; LEXCHIN, J.; DARROW, J.J. Institutional Corruption of Pharmaceuticals and the Myth of Safe and Effective Drugs. *Journal of Law, Medicine & Ethics*, 41(3): 590- 600. Fall, 2013.
- LIZCANO, E. *Metáforas que nos piensan*. Buenos Aires: Ed. Bilos, 2009.
- RABINOW, P.; ROSE, N. Biopower today. *BioSocieties*, 1, 195-217, 2006.
- REIDY, J. *Hard Sell: The Evolution of a Viagra Salesman*. Kansas City: MO: Andrews McMeel Publishing, 2005.
- SCHRAIBER, L.B. *O médico e suas Interações: a crise dos vínculos de confiança*. São Paulo: Hucitec, 2008.
- TAVARES, G.M. *Aprender a rezar en la era de la técnica*. Buenos Aires: Letranómad, 2013.
- VIANNA SOBRINHO, L. *Medicina Financeira. A ética estilhada*. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2013.
- WELCH, H.G.; SCHWARTZ L.M.; WOLOSHIN, S. *Overdiagnosed. Making people sick in the pursuit of health*. Boston: Beacon Press, 2011.



CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Edla Eggert
- N. 03 *O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo* – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 04 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Sonia Montañó
- N. 05 *Emani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 06 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Manfred Zeuch
- N. 07 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Renato Janine Ribeiro
- N. 08 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Suzana Klipp
- N. 09 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Márcia Lopes Duarte
- N. 10 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Valério Cruz Brittos
- N. 11 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Edison Luis Gastaldo
- N. 12 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Márcia Tiburi
- N. 13 *A domesticação do exótico* – Paula Caleffi
- N. 14 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Edla Eggert
- N. 15 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Gunter Axt
- N. 16 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Stela Nazareth Meneghel
- N. 17 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Débora Kirschke Leitão
- N. 18 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Mário Maestri
- N. 19 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Maria da Conceição de Almeida
- N. 20 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 21 *Sobre técnica e humanismo* – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 22 *Construindo novos caminhos para a intervenção societária* – Lucilda Selli
- N. 23 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Paulo Henrique Dionísio
- N. 24 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica à um solipsismo prático* – Valério Rohden
- N. 25 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Miriam Rossini
- N. 26 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Nisia Martins do Rosário
- N. 27 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 28 *O modo de objetivação jornalística* – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 29 *A cidade afetada pela cultura digital* – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 30 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde* – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 31 *Getúlio, romance ou biografia?* – Juremir Machado da Silva
- N. 32 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – André Gorz
- N. 33 *À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay* – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 34 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 35 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Marco Aurélio Santana
- N. 36 *Adam Smith: filósofo e economista* – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 37 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Ailton Luiz Jungblut
- N. 38 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Fernando Ferrari Filho
- N. 39 *Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Luiz Mott
- N. 40 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Genílil Corazza
- N. 41 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – Adriana Braga
- N. 42 *A (anti)filosofia de Karl Marx* – Leda Maria Paulani
- N. 43 *Véblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de "A Teoria da Classe Ociosa"* – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 44 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Edison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinily
- N. 45 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistemática de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Gérard Donnadieu
- N. 46 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Lothar Schäfer
- N. 47 *"Esta terra tem dono". Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Ceres Karam Brum
- N. 48 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Achyles Barcelos da Costa
- N. 49 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Gérard Donnadieu
- N. 50 *Copêrnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 51 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Evilázio Teixeira
- N. 52 *Violências: O olhar da saúde coletiva* – Elida Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 53 *Ética e emoções morais* – Thomas Kesselring
- N. 54 *Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral?* – Adriano Naves de Brito
- N. 55 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Fernando Haas
- N. 56 *Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil* – An Vranckx
- N. 57 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Gilberto Dupas
- N. 58 *O decrescimento como condição de uma sociedade convivial* – Serge Latouche
- N. 59 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Günter Küppers
- N. 60 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Hazel Henderson
- N. 61 *Globalização – mas como?* – Karen Gloy
- N. 62 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – Cesar Sanson
- N. 63 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo* – Regina Zilberman
- N. 64 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 65 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Dressa da Silva
- N. 66 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Artur Cesar Isaia
- N. 67 *Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Léa Freitas Perez
- N. 68 *Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 69 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – João Guilherme Barone

- N. 68 *Contingência nas ciências físicas* – Fernando Haas
- N. 69 *A cosmologia de Newton* – Ney Lemke
- N. 70 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Fernando Haas
- N. 71 *O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade* – Miriam de Souza Rossini
- N. 72 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Léa Freitas Perez
- N. 73 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Eduardo F. Coutinho
- N. 74 *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho* – Mário Maestri
- N. 75 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Carlos Henrique Nowatzki
- N. 76 *Campeinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Ana Maria Lugão Rios
- N. 77 *Progresso: como mito ou ideologia* – Gilberto Dupas
- N. 78 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda* – Octávio A. C. Conceição
- N. 79 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Moacyr Flores
- N. 80 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missionária colonial e seu território* – Arno Alvarez Kern
- N. 81 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Gláucia de Souza
- N. 82 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de "sindicalismo populista" em questão* – Marco Aurélio Santana
- N. 83 *Dimensões normativas da Bioética* – Alfrede Culleton e Vicente de Paulo Barretto
- N. 84 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Atílio Chassot
- N. 85 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Patrícia Almeida Ashley
- N. 86 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Mario Fleig
- N. 87 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Maria Eunice Maciel
- N. 88 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Marcelo Perine
- N. 89 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Laurício Neumann
- N. 90 *Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Maria Cristlina Bohn Martins
- N. 91 *Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 92 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 93 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Carlos Alberto Steil
- N. 94 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – Cesar Sanson
- N. 95 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnologia* – Peter A. Schulz
- N. 96 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – Enildo de Moura Carvalho
- N. 97 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Mariñes Andrea Kunz
- N. 98 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – Susana Maria Rocca Larrosa
- N. 99 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Vanessa Andrade Pereira
- N. 100 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Valério Rohden
- N. 101 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Roberto Camps Moraes
- N. 102 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – Adriano Premebida
- N. 103 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em melaverso* – Eliane Schlemmer
- N. 104 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Roberto Camps Moraes
- N. 105 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Paula Corrêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático?* – Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração* – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da flusser e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janela: Fluxer, Surrealismo e o jogo contra* – Esp. Yenti Delanhesi
- N. 114 *SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – Sonia Montano
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Rober Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios* – Wilson Engelmann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascudo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói* – Thomas Mann – Alexander Sogjenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Pettele
- N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins
- N. 131 *A phília como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 *Linguagem, singularidade e atividade de trabalho* – Marlene Teixeira e Ederison de Oliveira Cabral
- N. 133 *A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann* – Leonardo Grison
- N. 134 *Motores Biomoleculares* – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 *As redes e a construção de espaços sociais na digitalização* – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 *De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras* – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 *Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas* – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 *As sociedades indígenas e a economia do dom: o caso dos guaranis* – Maria Cristlina Bohn Martins
- N. 139 *Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades* – Marise Borba da Silva
- N. 140 *Platão e os Guarani* – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 *Direitos humanos na mídia brasileira* – Diego Airoso da Motta

- N. 142 *Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio* – Greyce Vargas
- N. 143 *Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito* – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 *Inclusão e Biopolítica* – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Doménica Hatlge e Viviane Klaus
- N. 145 *Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente* – Bianca Sordi Stock
- N. 146 *Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD* – Camila Moreno
- N. 147 *O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais* – Caetano Sordi
- N. 148 *Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS* – Fernanda Schultz
- N. 149 *Cidadania, autonomia e renda básica* – Josué Pereira da Silva
- N. 150 *Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética* – José Rogério Lopes
- N. 151 *As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 *Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou "por que voltar ao México 100 anos depois"* – Cláudia Wasserman
- N. 153 *Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate* – Stefano Zamagni
- N. 154 *Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kalowá e guarani Te'yikue no município de Caarapó-MS* – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 *Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica* – Stefano Zamagni
- N. 156 *Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva* – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 *Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento* – Stefano Zamagni
- N. 158 *"Passemos para a outra margem": da homofobia ao respeito à diversidade* – Omar Lucas Perout Fortes de Sales
- N. 159 *A ética católica e o espírito do capitalismo* – Stefano Zamagni
- N. 160 *O Slow Food e novos princípios para o mercado* – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 *O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião* – André Brayner de Farias
- N. 162 *O modus operandi das políticas econômicas keynesianas* – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 *Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimizações culturais de mestres populares paulistas* – André Luiz da Silva
- N. 164 *Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?* – Serge Latouche
- N. 165 *Agostos! A "Crise da Legalidade": vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre* – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 *Convivialidade e decrescimento* – Serge Latouche
- N. 167 *O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraítaingá* – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 *O decrescimento e o sagrado* – Serge Latouche
- N. 169 *A busca de um ethos planetário* – Leonardo Boff
- N. 170 *O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo* – Marco Antonio de Abreu Scapini
- N. 171 *Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes* – Gerson Egas Severo
- N. 172 *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais* – Bruno Pucci
- N. 173 *Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral* – João Roberto Barros II
- N. 174 *Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas* – Marcelo Fabri
- N. 175 *Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes* – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 *Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas* – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 *Um caminho de educação para a paz segundo Locke* – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 *Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente: solo pica a los descalzos* – Lenio Luiz Streck
- N. 179 *Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau* – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 *Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização* – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 *Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade* – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 *Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro* – José Rogério Lopes
- N. 183 *A Europa e a ideia de uma economia civil* – Stefano Zamagni
- N. 184 *Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como "discurso-limite")* – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 *A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade* – Stefano Zamagni
- N. 186 *A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados* – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 *Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil* – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 *Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção* – Luis David Castiel
- N. 189 *Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero* – Marlene Tamanini
- N. 190 *Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito* – Claudia Fonseca
- N. 191 *#VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras* – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Wernick Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 *A ciência em ação de Bruno Latour* – Leticia de Luna Freire
- N. 193 *Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica* – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 *A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade* – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 *Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica* – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 *A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico* – Adolfo Nicolás
- N. 197 *Brasil: verso e reverso constitucional* – Fábio Konder Comparato
- N. 198 *Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva* – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 *Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI* – Felipe Braggagnolo e Paulo César Nodari
- N. 200 *Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia* – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 *Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética* – Jordi Maiso
- N. 202 *Fim da Política, do Estado e da cidadania?* – Roberto Romano
- N. 203 *Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania* – Maria da Glória Cohn
- N. 204 *As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend* – Miguel Angelo Flach
- N. 205 *Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro* – Fábio Konder Comparato

- N. 206 *Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual* – Katia Saraiva
- N. 207 *Territórios da Paz: Territórios Produtivos?* – Giuseppe Cocco
- N. 208 *Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro* – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 *As possibilidades da Revolução em Ellul* – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 *A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben* – Márcia Rosane Junges
- N. 211 *Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo* – Sandra Caponi
- N. 212 *Verdade e História: arqueologia de uma relação* – José D'Assunção Barros
- N. 213 *A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ* – José Odelso Schneider
- N. 214 *Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze* – Sandro Chignola
- N. 215 *Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação* – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 *A realidade complexa da tecnologia* – Alberto Cupani
- N. 217 *A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend* – Hans Georg Flickinger
- N. 218 *O ser humano na idade da técnica* – Humberto Galimberti
- N. 219 *A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre* – Halina Macedo Leal
- N. 220 *O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil* – José Eduard Franco
- N. 221 *Neurofuturos para sociedades de controle* – Timothy Lenoir
- N. 222 *O poder judiciário no Brasil* – Fábio Konder Comparato
- N. 223 *Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão* – Jesus Conill Sancho
- N. 224 *O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867)* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 *O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais* – Xavier Albó
- N. 226 *Justiça e perdão* – Xabier Etxeberria Mauléon
- N. 227 *Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor)* – Martín Almada
- N. 228 *A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo* – Sandro Chignola
- N. 229 *Um olhar biopolítico sobre a bioética* – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 *Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil* – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 *Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida* – Jesús Conill Sancho
- N. 232 *Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul* – Dirceu Benincá e Vania Aguiar Pinheiro
- N. 233 *Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança* – Elsa Cristine Bevilan
- N. 234 *O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira* – Róber Iturriet Avila e João Batista Santos Conceição
- N. 235 *Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945)* – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 *Economias Biopolíticas da Dívida* – Michael A. Peters
- N. 237 *Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação* – Halina Macedo Leal
- N. 238 *O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global?* – Leandro Inácio Walter
- N. 239 *Brasil: A dialética da dissimulação* – Fábio Konder Comparato
- N. 240 *O irrepresentável* – Homero Santiago
- N. 241 *O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno* – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 *Uma crise de sentido, ou seja, de direção* – Stefano Zamagni
- N. 243 *Diagnóstico Socioteritorial entre o chão e a gestão* – Dirceu Koga
- N. 244 *A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal* – Alexandre Filardi de Carvalho
- N. 245 *Esquecer o neoliberalismo: aceleraçãoismo como terceiro espírito do capitalismo* – Moysés da Fountoura Pinto Neto
- N. 246 *O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo* – Andrea Fumagalli
- N. 247 *Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo* – Dora Lilla Marin-Díaz
- N. 248 *Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia* – Roberto Romano
- N. 249 *Jesuitas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980)* – Iraneudson Santos Costa
- N. 250 *A Liberdade Vigada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilância com a Internet* – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 *Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira* – Francini Lube Guizardi
- N. 252 *A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade* – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 *Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades?* – Vinícius Nicastro Honesko
- N. 254 *Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva* – Jean-Bosco Kakoozi Kashiindi
- N. 255 *Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles* – Marcelo Castañeda
- N. 256 *Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira* – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 *Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização* – Altair Sales Barbosa
- N. 258 *O pensado como potência e a desativação das máquinas de poder* – Rodrigo Karmy Blotman
- N. 259 *Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical?* – Moysés Pinto Neto
- N. 260 *Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre?* – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 *Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo* – Henrique Costa
- N. 262 *As sociabilidades virtuais globalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife* – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 *Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira* – Sauro Bellezza
- N. 264 *Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS)* – Stela N. Meneghel
- N. 265 *Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum* – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 *Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos* – Aline Albuquerque
- N. 267 *O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil* – Giuseppe Tosi
- N. 268 *Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia?* – Alana Moraes de Souza
- N. 269 *A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente* – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 *O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna* – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 *O que caminhar ensina sobre o bem-viver?* Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
- N. 272 *Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana* – Rafael Lopez Villasenor
- N. 273 *Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira* – Celso Gabatz
- N. 274 *Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo* – Acauam Oliveira
- N. 275 *Tendências econômicas do mundo contemporâneo* – Alessandra Smerilli
- N. 276 *Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord* – Atílio Machado Peppe
- N. 277 *O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social* – José Roque Junges
- N. 278 *Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao Bolsonaro* – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco



**Luis David Castiel.** Possui graduação em Medicina pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil (1975), mestrado em Community Medicine pela University of London (1981), doutorado em Saúde Pública pelo Fundação Oswaldo Cruz (1993) e pós-doutorado pelo Depto. de Enfermeria Comunitaria, Salud Publica y Historia de la Ciencia da Universidade de Alicante, Espanha (2005). Atualmente é pesquisador titular do Depto. de Epidemiologia e Métodos Quantitativos em Saúde, Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz. É professor permanente do Programa de Pós-graduação em Saúde Pública e do Programa de

Pós-graduação de Epidemiologia em Saúde Pública, dentro da subárea 'A construção do conhecimento epidemiológico e sua aplicação às práticas de saúde'. Experiência na área de Saúde Pública, atuando principalmente nos seguintes temas: Aspectos teóricos e conceituais das ciências da saúde, filosofia aplicada às ciências da saúde, estudos sociais de ciência e tecnologia em saúde pública/coletiva.

### **Algumas obras do autor**

CASTIEL, L. D. et al. Micromortevida Severina? A comunicação preemptiva dos riscos. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 33, p. 1-13, 2017.

CASTIEL, L. D. Utopia/atopia – alma ata, saúde pública e o Cazaquistão. **INTERthesis** (Florianópolis), v. 9, p. 62-83, 2012.

CASTIEL, L. D.; Sanz-Valero, J; Vasconcellos-Silva, P. R. *Das Loucuras, da Razão ao Sexo dos Anjos: biopolítica, hiperprevenção, produtividade científica*. 1. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011. v. 1. 187p.

CASTIEL, L. D. Conflitos, interesses e alegorias: o caso SB Brasil 2003. **Cadernos de Saúde Pública** (ENSP. Impresso), v. 26, p. 660-662, 2010.

CASTIEL, L. D.; Sanz-Valero, J. El acceso a la información como determinante social de la salud. *Nutrición Hospitalaria*, v. Supl 3, p. 26-30, 2010.

CASTIEL, L. D.; Alvarez-Dardet, C. **A Saúde Persecutória. Os limites da responsabilidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007. v. 1. 136p.

### **Outras publicações**

CASTIEL, L. D. O cuidado de si e a governamentalidade biomédica. Entrevista especial publicada por **IHU on-Line**, em 16 de janeiro de 2016. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/550858>

\_\_\_\_\_. Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção. **Cadernos IHU Ideias** (UNISINOS), v. 11, p. 03-32, 2013.

\_\_\_\_\_. A dominância das dimensões médicas na sociedade. Entrevista especial publicada por **IHU on-Line**, em 27 de maio de 2013. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/520467>



**UNISINOS**